

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DO LUGAR

Denise de Oliveira Alves¹
Onélia Carmem Rossetto²
José Milton Maciel Santana³

RESUMO

Alicerçados no pressuposto que a pesquisa é indissociável da ação pedagógica, os alunos de Prática de Ensino da Geografia transformaram o conteúdo proposto para o estudo das paisagens num momento de investigação do lugar vivenciado pelos alunos da Escola José Mendes, no bairro Parque do Lago, no Cristo Rei. O objetivo norteador da pesquisa foi analisar a paisagem natural e a paisagem cultural do bairro. Para tanto, os alunos decidiram: caracterizar o ambiente escolar, situando-o em seu contexto histórico-político; identificar a vegetação natural do bairro; conhecer as atividades econômicas nele desenvolvidas; descobrir alguma ação política no âmbito social, para melhoria do bairro. Dividindo-se em cinco grupos, os alunos prepararam entrevistas, visitaram os locais selecionados e finalmente socializaram os resultados obtidos através de uma exposição oral subsidiada por cartazes, painéis e maquete de um trecho da área comercial do bairro.

Palavras-chave: paisagem, percepção, pesquisa escolar.

ABSTRACT

This paper is based on the presumed link between pedagogical action and research. In order to do so, the authors used the subjects about natural and cultural paysage to create a moment when the pupils would, themselves, investigate the environment of José Mendes School in Parque do Lago, Cristo Rei. The research principal aim was to analyse that environment and so the pupils decided: to characterize the school environment by placing it on its historical and political background; to identify the natural vegetation in the surroundings; to sear-

¹ Mestre em Educação. Professora de Departamento de Geografia da UFMT.

² Professora do Depto. De Geografia e Mestranda em Educação Pública da UFMT.

³ Graduando do Curso de Geografia.

ch the economical activities developed in the borough; to find out if there were any social action to improve life quality in the borough. The students were divided in five groups and they applied interviews, visited the selected places and last but not least, socialized the results to all the school. Finally, The texts done by the pupils were analysed by the authors in order to detect their perception about the place they live in and how it can be useful to construct the concept of space.

Keywords: Paysage, perception, school-research.

1. INTRODUÇÃO

Alicerçados no pressuposto que a pesquisa é indissociável do ensino e objetivando fazer do momento pedagógico na disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado também um momento de reflexão e construção do conhecimento geográfico, os autores utilizaram o conteúdo proposto sobre paisagens, para uma investigação do lugar vivenciado pelos alunos da sexta série, do período matutino, da Escola José Mendes Martins, no bairro Cristo Rei.

Subjacente a esse propósito, pretenderam os autores fazer uso do material elaborado pelos alunos para aquilatar a percepção sobre o bairro.

A ótica privilegiada foi a da percepção, cujos estudos, independentemente de qualquer veleidade classificatória, têm percorrido alguns significativos e não excludentes caminhos: o filosófico-metodológico, com contribuições, entre outras, de Merleau Ponty, Paul Ricoeur, Husserl (Rezende,1990); a biopsicológica onde despontam os trabalhos de Piaget (Lajonquière,1992) e uma cultural, com uma pluralidade de trabalhos nas várias áreas do conhecimento humano, onde está inserida a produção geográfica. (Goodey & Gold, 1986; Rio & Oliveira,1996;)

O trabalho teve como norte teórico a proposta de TUAN (1980;1983) sobre a percepção, atitudes e valores. O autor propõe o conceito de topofilia para o sentimento afetivo que entrelaça o homem o seu meio ambiente natural.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa se desenvolveu em seis etapas: sensibilização para o estudo da paisagem a

partir do reconhecimento do bairro; definição dos objetivos da pesquisa pelos alunos, assim como a elaboração dos instrumentos a serem utilizados; coleta dos dados em pequenos grupos; sistematização dos dados pelos alunos; socialização dos resultados na escola; sistematização das informações colhidas pelos autores.

A sensibilização ocorreu em amplo debate sobre a escola, sua inserção no bairro e observações a respeito da paisagem local, tanto no que se apresentava como natural, como no que se percebia ter sido transformado pelo homem.

O passo seguinte foi a definição, pelos alunos, dos objetivos norteadores de sua ação investigatória: caracterizar o ambiente escolar, situando-o em seu contexto histórico-político; identificar a vegetação natural do bairro; conhecer as atividades econômicas nele desenvolvidas; descobrir alguma ação política no âmbito social para melhoria do bairro.

Dividindo-se em pequenos grupos, os alunos prepararam entrevistas e questionários, visitaram e fotografaram os locais selecionados: a escola e seu entorno (o cerrado degradado pela atividade humana); os comerciantes da rua principal; a indústria de colchões Ortobom; o Lar-Escola Meninos do Futuro, como instituição representativa de uma ação político-social para melhoria do bairro. O Lar-Escola é mantido pela PROSOL (Promoção Social), Fundação de cunho assistencial, gerenciada com recursos do governo estadual.

Os dados coletados, após sua discussão, serviram de subsídios à elaboração de cartazes, textos, painéis e maquete de um trecho da área comercial do bairro. Os resultados foram socializados na escola com a presença da diretora, das supervisoras e de alguns professores. Do material coletado, foram selecionados os textos produzidos pelos alunos. A partir desses textos, os autores avaliaram a percepção dos alunos sobre a paisagem do bairro e a construção do conceito de espaço.

2. A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: DO LUGAR AO ESPAÇO

Da hominização pelas transformações biológicas até a humanização pela construção da história, o homem percorreu uma trajetória

de especializações fisiológicas e culturais. O desenvolvimento privilegiado de seu cérebro permite-lhe desenvolver atividades ímpares entre os animais. Opondo o indicador ao polegar, se consegue apropriar, não apenas do necessário para a sobrevivência como também do que lhe desperta o interesse ou daquilo a que atribui algum valor. Alguns quadrúpedes têm o campo visual ampliado, mas o ser humano possui uma visão tridimensional (Tuan, 1980), indispensável ao bípede habilitado a captar a paisagem com um olhar e a transformá-la pelo trabalho.

Envolvendo o corpo, e a partir do meio ambiente, os estímulos entretecem as malhas da percepção. Ela é complexa e dinâmica. Complexa porque implica sentidos, razão e sentimentos em sua elaboração. Dinâmica porque influencia e é influenciada pela celeridade das transformações culturais. A importância do corpo na percepção transcende aos limites fisiológicos. *“em sentido literal, o corpo humano é a medida de direção, localização e distância”*. (Op. cit., p. 50) Ele se constitui em escala para a determinação de medidas como “pés”, “polegadas” e aflora na linguagem através de palavras, como as preposições espaciais, normalmente antropocêntricas.

Embora comece pelos sentidos, a percepção não se restringe a eles. Sendo um ser social, o homem a potencializa através de sua imersão nas diferentes culturas e nos múltiplos ambientes que compartilham o planeta.

Ainda que dotadas de similares órgãos sensoriais, as pessoas percebem de maneira diferenciada. Uma clareira com troncos caídos, terra desnuda, é vista pelo agricultor como um potencial para construção de abrigo e plantio. Para um pesquisador, é sinônimo de degradação ambiental e desequilíbrio ecológico.

A percepção age seletivamente sobre os fenômenos, dentre os quais alguns são bloqueados e outros registrados. A poluição que recobre os prédios no centro urbano pode passar despercebida ao transeunte apressado, ainda que agrida o visual do turista interessado na preservação dos monumentos.

A percepção pode também ensejar um misto de amor e ódio sobre o mesmo lugar, a exemplo do que sente pela terra o agricultor que, para nela trabalhar, vende sua força de trabalho.

Quem vivencia diariamente um ambiente, tem dele uma visão holística, envolve-se emocionalmente captando os detalhes indispensáveis à sobrevivência. Quem visita ou estuda, vê a partir de um ponto de vista, delimitando um quadro, principalmente visual, apropriando-se dele pelo pensamento de acordo com uma referência conceitual.

A paisagem experienciada, aquela sobre a qual se pode atuar, aprendendo e criando, ainda que não possa ser apreendida em sua essência, é o lugar.

Lugar e espaço são conceitos próximos que indicam experiências comuns (Tuan, 1983, passim) e não podem ser desvinculados do conceito de paisagem.

Não há limites precisos entre espaço, paisagem, e lugar como fenômenos experienciados: lugares contêm paisagens, paisagens e espaços contêm lugares. (Relph apud Machado, 1996, 98)

A paisagem só pode ser parcialmente percebida, tanto em função da fisiologia do observador, a restrição de seu campo visual, como devido às limitações impostas pelo relevo. Sua apreensão, contudo, ultrapassa os limites sensoriais e as lacunas são, de alguma forma, preenchidas pela atividade reflexiva. *“Exatamente por não permitir ver tudo é que a paisagem se constitui numa totalidade coerente.”* (Collot, apud Bley, 1996, p.125)

Ao palmilhar a paisagem, o homem inicia um processo de reconhecimento e ordenação de pontos de localização, estruturando-a mentalmente, para poder se orientar nela.

Nesse convívio, dá-se a compreensão do lugar, tanto individual como coletivo, e inicia-se a construção do conceito de espaço.

O espaço se delinea no complexo das idéias, sendo apreendido pelo pensamento.

O lugar é o concreto de uma paisagem, que pode ser valiosa mesmo que não tenha valor material. É humanizado e pleno de uma familiaridade que se insinua na organização e no arranjo do meio ambiente. O espaço é dinâmico, é movimento, enquanto o lugar significa a pausa nesse movimento. E nessa momentânea parada, as pessoas lhe

atribuem significado, envolvendo-se com ele, não apenas através dos sentidos mas também numa atitude reflexiva, organizando-o para que possa atender às suas necessidades.

O espaço é a abstração e sugere amplitude, liberdade, projeta-se para o futuro e convida à ação. Na celeridade do pensamento, em contínuas reflexões, o longínquo pode ser recriado revestindo-se de múltiplos significados.

O que começa como espaço, indiferenciado e distante, pode se transformar em lugar na medida em que seja dotado de valor. Esta valoração, ainda que não material, será tão mais factível quanto ensejada uma movimentação por esse espaço, numa experiência viabilizadora da construção do conceito.

Essas reflexões nortearam a proposta de estudo para o assunto "Paisagens Brasileiras" que seria ministrado na 6ª série da Escola José Mendes Martins. Viabilizando aos alunos uma oportunidade de movimentarem-se pelo bairro, estimulando reflexões mais amplas que transcendessem o limite da paisagem imediatamente percebida, os autores procuraram transformar o estudo num momento de apreensão do lugar que pudesse ser usado para construir o conceito de espaço.

3. A PAISAGEM DO PARQUE DO LAGO: UM LUGAR NO ESPAÇO BRASILEIRO

Tabela 1. Distribuição dos alunos de acordo com o tempo de residência no bairro

Tempo que mora no Bairro	Frequência Relativa (%)
Entre 1 mês e 1 ano	8,0
Entre 2 e 4 anos	21,7
Entre 5 e 7 anos	19,5
Entre 8 e 10 anos	21,9
Entre 11 e 13 anos	9,7
Entre 14 e 16 anos	19,2

Observa-se que existe certa heterogeneidade em relação ao tempo de moradia no bairro. (tabela 1) Este fato não demonstrou ser significativo nas respostas que evidenciaram, de maneira geral, um

sentimento de satisfação em relação ao lugar, conforme se depreende da fala do aluno: ...“*aqui o bairro é bom, tem pessoas muito legais, mas também é muito violento. Eu não tenho vontade de deixar esse bairro, para morar em outro...*” (Kleber, 13 anos)

Para Tuan (Op. cit.), o conceito de bairro está intimamente relacionado à experiência vivida de cada um. Para aqueles que convivem muitos anos em um lugar, a familiaridade conduz à aceitação e até à afeição. As pessoas de classes sociais menos abastadas mantêm uma postura de conformismo, fato esse percebido no depoimento, já que a percepção da violência não implica desejo de mudança para outro local.

Os elementos que constituem a realidade do bairro Parque do Lago foram experienciados como recomenda Tuan (Op. cit. passim), através dos órgãos dos sentidos. Experiência é o termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Machado (1996,97) afirma que:

Cada imagem e idéia sobre o mundo é composta de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória (...) cada pessoa percebe o lugar por meio de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos somos artistas e arquitetos da paisagem, criando ordem e organizando espaços.

Os elementos percebidos, em maior escala, pelos alunos da Escola José Mendes Martins estão representados na figura 1.

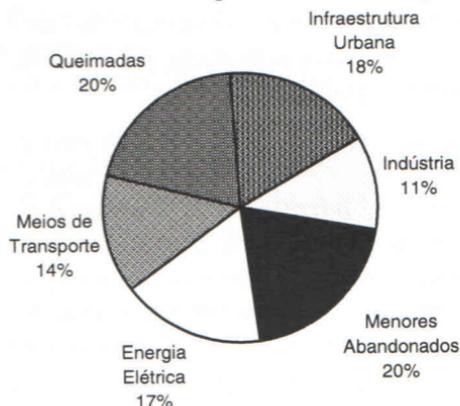


Figura 1. Elementos percebidos na paisagem.

Ao perceberem os menores abandonados como elementos de maior importância no lugar, os alunos da sexta série levantaram a problemática da cidadania, que nas palavras de FERRARA (1996), é um exercício conseqüente da percepção ambiental informacional que exige um olhar “*para fora de si*”, tarefa bastante difícil, que geralmente conduz o indivíduo a afastar-se da responsabilidade pessoal, transferindo-a para o poder público, fato confirmado nos depoimentos que se seguem:

...O Brasil tem uma coisa que ainda não pode ser resolvida, os presidentes que passam por aqui, não fazem quase nada por esses meninos carentes.... (Júnior César, 13 anos)

...Existem menores de rua (...) se as partes governamentais não tomarem precaução, logo não haverá futuro para mim. (Sandro, 15 anos)

Os menores de rua estão tão comuns hoje em dia que o governo não toma nenhuma providência (Weslaine Maria, 13, anos)

Nos três depoimentos observa-se que apesar da pesquisa ter sido feita em uma instituição pública estadual filiada à PROSOL, denominada Lar-Escola-Meninos do Futuro, localizada no próprio bairro, nenhum dos alunos chegou a responsabilizar a comunidade ou propor alternativas de ação, capacidade indispensável para o exercício da cidadania.

Outro dado importante observado no estudo refere-se à percepção do ambiente físico, ressaltada, principalmente, pela queimada, pelo desmatamento e poluição dos rios.

...Estudando percebi que o cerrado está degradado, seus rios, lagos e córregos estão poluídos, as matas estão acabando (...) ou pegando o barro para cerâmicas, com isto desflorestando as margens do nosso rio Cuiabá. Os córregos que já foram limpos agora estão servindo como esgoto (...) isto é uma falta de respeito das pessoas para com elas mesmo (...) No Brasil em geral não é diferente, pois posso acompanhar pelas reportagens dos jornais e da televisão. (...) A queimada é o maior

causador da intoxicação de crianças e velhos e elas ocorrem por descuido das pessoas. (Odair José, 15 anos)

Observa-se no depoimento que o ensino da geografia sobre um tema bastante tradicional, a vegetação, recebe outros significados: o aluno estabelece relações com o percebido em outras situações e lugares. Em época bastante recente, essa ciência abordava os temas relacionados à geografia física de forma fragmentada e desligada da realidade do entorno da região; descuidava-se ainda da necessidade de incentivar e valorizar os comportamentos de responsabilidade e respeito ao ambiente.

Para Tuan (1980), o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial para que se estabeleça um elo de afeto ou desafeto. O conhecimento da interdependência entre os elementos da natureza sugere a formação de valores e atitudes que expressa sentimentos de topofilia ou topofobia na relação homem-meio. Sob esse aspecto a educação deve buscar o desenvolvimento de conhecimentos teóricos e práticos para que o indivíduo seja capaz de expressar sua percepção do lugar através de ações conscientes sobre a realidade que o cerca.

Valores menos significativos foram atribuídos à infraestrutura urbana, energia elétrica, meios de transporte e indústria, elementos vivenciados no cotidiano dos moradores do bairro. Para Ferrara (Op. cit.), a relação homem-meio, no ambiente urbano, expressa-se através de signos. Estes demonstram a seleção entre as alternativas desenvolvidas pelo homem na construção do cotidiano da cidade e evidenciam os desafios diários. Esse fato foi observado no material coletado:

Todos os bairros são iguais, todos têm violência, discriminação, falta de energia elétrica, saneamento básico, vias de transporte... (Suzilene, 12 anos)

...Aqui no Parque do Lago também há problemas sociais, menores de rua, degradação ambiental (...). Falta energia elétrica, saneamento básico (...) vias de transporte (...) tudo isso falta aqui, mas isso parece ser impossível de se realizar. (Simone, 17 anos)

...É a indústria que traz bastante desenvolvimento, como a fábrica de colchões Ortobom. Não tem muita indústria no bairro... (Odenilson, 14 anos)

...As indústrias colocadas nos grandes mercados de emprego (...) mas os brasileiros têm medo que as indústrias possam ajudar em algumas coisas e piorar em outras, ajudaria a reduzir a faixa de desempregados, mas aumentaria a faixa de poluição. (Milton César, 14 anos)

Percebe-se que a maioria dos alunos apenas teceu constatações sobre os temas abordados, e somente uma minoria conseguiu elaborar algumas análises. Tuan (Op. cit., passim) afirma que as variações paisagísticas são também psicológicas, unidas, entrelaçadas, registrando-se numa dinâmica sempre visível, porém impregnadas de significados que se alteram. A percepção da cidade varia de pessoa para pessoa, e o estilo de vida de um povo é a somatória de suas atividades econômicas e sociais.

Nos bairros existem desigualdades sociais, como existem no país (...) umas pessoas conseguem muito dinheiro trabalhando pouco e outras trabalham muito e recebem pouco (...) A semelhança mais comum é o desemprego... (Andréia, 13 anos)

Meu bairro não é um bairro desenvolvido como os outros da cidade e o meu país é um país de terceiro mundo, também não é desenvolvido como os outros... (Jefferson, 13 anos)

Nestes depoimentos, destacam-se os elementos econômicos e políticos aliados a julgamentos de valor em relação ao espaço desenvolvido e subdesenvolvido. Outro ponto de relevante importância é a ampliação da noção de lugar a partir das comparações entre o lugar vivido com os espaços maiores. Quanto a este aspecto, Tuan (1974, p. 222) defende que:

nas grandes metrópoles as pessoas não podem conhecer bem a área urbana total, mas têm necessidade psicológica de possuir uma imagem da totalidade do meio ambiente para localizar seu próprio bairro.

Ao ato de experienciar são acrescidas as informações adquiridas de maneira direta ou indireta que aparecem constantemente entre os depoimentos:

...Estes problemas que eu assisto na televisão... (Lourival, 13 anos)

...O Brasil deve ter os mesmos problemas, porque eu vejo nos jornais, na TV e no rádio as notícias do Brasil inteiro... (Deusmar, 14 anos)

Para Machado (1996), a observação pessoal vivenciada é diferente daquela que construímos por meio de lições, figuras, filmes. A experiência pode ser direta ou íntima, mas juntas formam a percepção do mundo.

Os depoimentos atestam ainda que a maioria dos alunos percebeu seu bairro como inserido no espaço brasileiro maior, ainda que esta percepção seja nuançada ou explicitada em poucas e desiludidas palavras como as de Andréia: *“a maior semelhança é o desemprego”*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento pedagógico vivido na Escola José Mendes Martins, no bairro Parque do Lago, foi possível confirmar a intrínseca associação entre ensino e pesquisa. O que talvez fosse proposto como aulas expositivas sobre *“Paisagens brasileiras”* cedeu lugar a uma dinâmica de aprendizagem que incluiu uma imersão pela pesquisa, na paisagem do bairro, viabilizadora de extrapolações que ajudassem a esclarecer o que ocorre no espaço brasileiro.

No corpo-a-corpo com a investigação, os alunos aplicaram técnicas de pesquisa, cresceram no compartilhar das atividades, amadureceram na análise dos dados e no cumprimento do dever de socializar os resultados obtidos. No que tange ao aspecto educativo, os objetivos foram plenamente atingidos.

Não menos importante foi o alcance do outro objetivo, subjacente à realização da atividade pedagógica: detectar, a partir do material produzido pelos alunos, a percepção que tinham do lugar Parque do Lago em sua relação com a construção do conceito de espaço.

A análise feita a partir do referencial teórico proposto por Tuan confirmou o sentimento de topofilia pelo bairro, “amado” apesar da violência declarada em vários depoimentos.

Os alunos, todos adolescentes, mostraram aspectos da capacidade cognitiva admitida por Piaget para a faixa etária, ao conseguirem se movimentar, pelo pensamento, do lugar Parque do Lago ao espaço concebido, o espaço brasileiro. As lacunas percebidas na capacidade de análise devem ser procuradas em outras vertentes explicativas, uma das quais passa pelo contexto mais amplo da deficiência educacional do país.

O momento de socialização na escola comprovou a eficácia da associação pesquisa e ensino. E um dos exemplos dessa eficácia pode ser observada entre os depoimentos verbais dos alunos que ressaltaram: “*voltem aqui, foi bom trabalhar assim*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, E. Y. *O Espaço geográfico: ensino e representação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

BLEY, L. Morretes: um estudo da paisagem valorizada. In: Vicente Del Rio e Livia de Oliveira (orgs.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Carlos; UFSCAR, 1996.

FERRARA, L. D' A. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: Del Rio V. e Oliveira L. de (orgs.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Carlos; UFSCAR, 1996.

GOODIE, B.; GOLD, J. A geografia do comportamento e da percepção. Tradução Oswaldo Bueno Amorim Filho. *Publicações especiais*, n.º 3. Belo Horizonte: I.G.C./UFMG, 1986.

LA JONQUIÈRE, L. *De Piaget a Freud*. Petropólis: Vozes, 1992.

MACHADO, L. M. Paisagem valorizada: A serra do mar como espaço e como lugar. In: Del Rio V. e Oliveira L. de. *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Carlos; UFSCAR, 1996.

RIO, Vicente Del e OLIVEIRA, Livia de (orgs.) *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Carlos; UFSCAR, 1996.

REZENDE, A. M. de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez, 1990 (Coleção polêmicas do nosso tempo)

TUAN, Y. F. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1974.

_____. *Espaço e lugar*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.